

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--3 de Março-1927

**5 TOSTÕES**

**41**



sempre  
**fixe** semanario  
humorístico

Ex.º Sr.  
F. de Alvarães

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINA**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57

# O JEJUM DA QUARESMA

Abstinencia da carne



DEVORA "LINGUADOS" QUE É UM GOSTO!



## Os ditos da semana



Já estava restabelecida a ordem. Simplicio leu nos jornais que o socego era absoluto, motivo porque nessa manhã se levantou fresco e bem disposto. Coliou os duros bigodes, olhou as panoplias do corredor, onde o aço das espadas reluzia altivo e forte ao sol da manhã, e foi até à janela. Descobriu a cidade, engalanada de ouro; uma vizinha que cantava as *Rosas*, com alguns espinhos na garganta, e a sua criada, em baixo, na rua, olhando gulosamente o leiteiro, que mungia com pericia uma vaca já entrada em anos... Na frente de Simplicio cavou-se, porém, uma ruga. O seu olhar intemerato teve uma nuvem. Ao lado da janela, o papagaio — presente dum camarada de Africa — derriçava melancolicamente o dono, estendendo com indiferença a aza esquerda. Aquele papagaio era o martirio de Simplicio. Nunca tinha falado, nem mesmo assobiado, embora o amigo que lho oferecera houvesse declarado, solenemente em carta, que o papagaio era muito amoroso, conversador e musical. O *louro*, porém, apesar das festas insistentes do Simplicio, não abria o bico. Estava mudo e quedo — como um penedo. Simplicio falava-lhe ao ouvido, coçava-lhe o cráneo, repetia trechos de opera, esboçava mesmo alguns vivas oficiais.

Nada!

Simplicio cogitou então que aquele presente tinha sido uma partida do seu velho amigo de Africa, para o irritar. Eram amigos, lá isso eram, mas em ideias politicas não se podiam tragar. Simplicio abandonara o regime, trocára o seu órgão por uma folha conservadora, deixára crescer os bigodes, demonstrando assim as convicções ferreas que lhe tinham descido à cabeça. O outro, não: 5 de Outubro era para ele uma data inamovível e historica. Encostado à janela lembrava isto tudo, com tédio e superioridade.

O desamor, a esquivança, mesmo a hostilidade surda que o papagaio lhe manifestava, tinha uma causa. Lá isso tinha, mas qual era não o sabia. Ainda na vespera o malandro do bicho, que andava solto, saira do poleiro, saltára para cima da mesa da casa de jantar, escorrendo no jornal do Simplicio — admiravel de bons principios — uma materia pouco solida, pouco apetitosa e pouco cheirosa.

Simplicio, naquela manhã bem disposto e feliz, tentava mais uma vez chamar a si as boas graças do papagaio:

— Então, não falas?... Diz lá: «As palminhas da Catarina...»

O papagaio olhou-o de soslaio. Inquieto, aninhou-se a um canto do poleiro, e fechou os olhos, como quem diz:

— Vai falar com os mortos!

O Simplicio não se pode conter:

— Malandro! E o tipo lá de Africa que me disse que falavas muito. Naturalmente és ventriloquo... Sim, pelo que fizeste ontem ao jornal, parece que és.

Depois mais calmo:

— Vá, ninguém te faz mal! Fala! Diz alguma coisa... Por exemplo: m... — e a palavra saiu-lhe, sibilina e cambriana.

A ave retoiçou-se, preguiçosamente. Estendeu uma perna, distendendo as garras.

Simplicio teve uma esperança — esperança igual à que tinha na vinda do seu augusto monarca.

— Talvez agora! Anda cá, meu louro... Tão bonito que ele é... Não tenha medo do seu dono... Ele não lhe faz mal...

O papagaio abriu o bico.

Um raio de luz pareceu iluminar-lhe a pupila fria, quando, de repente, perguntou carinhosamente:

— Você não me faz mal?

Simplicio ia desmaiando! O papagaio falava! O papagaio compreendia! A quem agradecer o milagre? Olhava o céu muito azul, onde algumas nuvens brancas recompunham a ilusão da sua perdida bandeira, querendo assim endereçar a alguma entidade celeste aquele prodigio da natureza.

Suave, banhado de alegria, respondeu:

— Ninguém, meu louro!

— Você garante?

— Garanto! Palavra de Simplicio, sempre honrado nos officios aos conselheiros de estado com o *Deus guarde a V. Ex.ª*

— Com certeza?

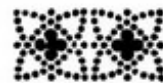
— Com certeza! Diz o que quizeres...

Não teve tempo para acabar a frase. Inesperadamente o papagaio gritou, como se fôsem mil papagaios:

— Viva a Republica! Viva a Republica!

Simplicio fez-se verde, depois azul, depois muito branco. Sentiu qualquer coisa estranha pegada às calças. Não se pode conter!... Agarrou o

bicho e, num gesto brusco, estrangulou-o brutalmente entre as mãos fortes e cabeludas.



Outro dia dois bons pandegos, daqueles que se dão ao automobilismo, cultivando os accidentes com incidencias desastrosas, tomaram um ligeiro e levissimo taxi. Passeio fora de portas: Bemfica-Amadora. Em Bemfica pararam e saborearam um precioso vinho branco, sem cõr politica. O *chauffeur* mergulhou-se em varios copos, perfazendo os dez decilitros por um escudo e cincoenta centavos. Estabeleceu-se logo uma intimidade entre o rei do volante e os freguezes. A bandeirinha vermelha, erecta e altiva como a crista dum galo, destacava já o melhor duma vintena de escudos. Mas tristezas não pagam dividas — principalmente de automovel.

O *chauffeur*, bem gasolinado de aguardente, trabalhava melhor que o motor. Pelo menos, assim o afirmava. 50 quilometros à hora — e o automovel passou a Porcalhota. Ao cimo da subida que ali ha, *chauffeur* e freguezes viram um jornal estendido no caminho, a pouca distancia da passagem da linha ferrea. As cancelas estavam abertas. O *chauffeur* então, para provar os seus meritos audaciosos, batidos em todos os autodromos das ruas da capital, declarou com enfase:

— Vou parar o carro mesmo em cima do jornal. Vão ver a minha segurança.

Meu dito, meu feito. Primeira velocidade. O automovel esquece-se que o caminho é mau. Sobee a toda a força — e, contra o prometido — passa sobre o jornal sem se deter, indo parar à linha ferrea, onde nesse instante passava o comboio das Caldas. O panico dos freguezes foi indescritivel. Acudiu gente — lamentando a iminencia do desastre, com muita pena de o não terem presenciado para o irem contar à familia. Enfiado, com medo, o *chauffeur* não sabia o que dizer. Nervosamente soletrou apenas:

— Tenho que voltar atrás. Preciso daquele jornal para uma necessidade urgente...

Ao que os freguezes responderam:

— Não o utilize todo. Olhe que nós tambem precisamos de desabafar...

Olharam-se e compreenderam-se!

## NO COLISEU



— ... e dez homens em cima de uma mulher!  
— Ah sim! Então tambem vou p'rá geral.

**HUMORISMO  
NO  
ESTRANGEIRO**



—Guardas o meu guarda-chuva um minuto...  
—Mas...  
—Põe-o atr. da orelha!



—O que estás fazendo nessa posição tão pouco decente?  
—Escute um sermão de moral!



—Não estás aqui agora. Basta esperar dois dias para estar em soto e... sózinho.



—O senhor é cantoneiro?  
—Emfim encontro alguém que me pode explicar o que se passa em Cantão.



—O que fazes enquanto trabalho?  
—Admiro a paisagem!

**UMA GRANDE PEÇA**

**«Espada da Moita»**

A notícia duma peça nova que, com o título de *Espada da Moita*, estão escrevendo do's novos autores, caiu como uma bomba!

A's parcerias, pareceu-lhes uma afronta a aparição dos dois novos aparecidos. Os empregarios emprazaram os novos presados autores a desistirem, num prazo curto, sob pena de os prenderem mais curtos.

O Robles começou a inchar, a inchar que até dava medo. Ao Erico e ao Clemente puzeram-se-lhe os cabelos em pé e ao Climaco apareceram-lhe cabelos brancos, o que alguns atribuíram erradamente á união com o Macedo. O Armandinho desatou aos pulinhos e o Almeida Cruz endoideceu a gritar que era tenor.

Os autores, ante a impossibilidade de continuarem vivendo, entraram de meter vales até os empregarios dizerem: «Não vale mais!»

Emfim, lavra o panico!

O *Sempre fixe*, pela pessoa deste redactor, pôs-se em campo e foi entrevistar um dos novos autores. Justo é confessar que ao entrevistador é atribuída a paternidade da nova obra em colaboração com o entrevistado. Mas os tempos são de elogio mútuo e a caridade bem entendida começa por nós mesmos; não era, portanto, ocasião de estarmos com exquisites o fômos tratar da vidinha.

Além de que todos nós sabemos como estas coisas se fazem e temos visto os auto-elogios que os consagrados mandam ás redacções.

Fômos, pois, entrevistar o escritor Julio Pires que, como todos sabem, se não pára na «Brasileira», anda pelo Chiado, a que ele chama o seu «quintal».

O «Julio» limpou os óculos, calcinhas fadistas e, dando a papadela á «beata», cuspiu assim:

—Esses gajos estão a presumir há muito tempo e vai dahi resolvi pergualhes uma peça na boca do estomago.

—A peça...

—E' o *Espada da Moita*, sim, senhor, e então? Assustam-se? E' assim mesmo! Acabaram-se os Pirandellinhos e os «Chó»!

—Chó?! Que expressão, volvemos escardalizados.

—E' teatro livre, além de que eu sou muito sintético e digo as coisas como as sinto. Pois é verdade, a peça tem cor e movimento, como agora se diz. Cor, porque todos se vão vêr azuos com ela: empregarios, autores e publico. E movimento, porque o primeiro acto se passa no vapor de Setubal, o segundo no cirio da Atalaia e o terceiro numa corrida da Moita. Não me negará que não manda movimento e que não é para mudar de cor ao pessoal.

—Não ha duvida!...

—A peça, á maneira dos sainetes dos meus colegas manos Quinteto, está inspirada naquela copla, você sabe: «Foi no vapor de Setúveles», etc., e é tal qual uma grande tróilha na tromba das mulheres do natureza «volúveles», o que rima e é verdade, como na copla.

—Admiravel...

—Issi sei eu, olha a novidade!

—Musica de consagrados autores?...

—Livra! Musica autentica e nova todas as noites. A rapaziada que canta é toda de cor, para evitar a «vigarrice» da gente do teatro. Vai uma noite e arranca-se a «Micás» pelo «rigoroso», outra é o «Pau Negro» que ataca o «choradinho», emfim é o que sair ao sentimento.

—Scenografos...

—«Cães scenografos!» O vapor ha de ser autentico e com agua «para esbadanar» as ventas dos «cói» da primeira fila. O cirio é fixo ali todas as noites, com vinho á «indiscreção» e a tourada é com touro e tudo, «prós» tenores não presumirem.

—Ensiadões?

—Sou eu e o «Mano Estevão», ali á bazanada nas ventas dos comicos. E o ponto vai ser aqui o «João Franco», que é um grande «ponto»!...

**Perez-Lachaise**

**A JORGE DE ABREU**

**Jornalista distinto que retomou a direcção do «Primeiro de Janeiro»**

A ti, que sempre bem aquilataste os que na Imprensa fazem a cruzada eu, apesar de nela ser um «nada» ousado, em meus versos que não tem contraste,

dizer-te que, na casa onde voltaste e foi por tua mão acimentada, vêjo, encimando-a, ao vento desfraldada a flâmula que, em tempos, conquistaste.

E a tua pena, de saber sensato, vai ressurgir, nesse torrão tripeiro a invulgar finura do seu tacto...

Folgo — acredita — velho companheiro. — Tinhas que ser, uma outra vez, o «Gato» que mais miasse, d'alto, no «Janeiro»!...

**JOSÉ BARBOSA**

**HUMORISMO  
NO  
ESTRANGEIRO**



—Mamá! Depressa! O tio Henriquo precipitou-se dos rochedos...  
—E está ferido?  
—Não sei! Ainda não tinha chegado lá em baixo quando vim para aqui.



—Digo-lhe, meu caro senhor, que sou um pouco surda.  
—E eu. Assim devemos entender-nos bem.



Ele—Um ano, mais! Que horror!...  
Ela—Faz como eu que ha oito anos estou a fazer quarenta e nove...



—Não te compreendo. Umás vezes és tão tímido, outras tão atrevido...  
—Não admira. A minha ascenden-cia é metade de homem, metade de mulher!...

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

ANTONIO Carneiro, nosso querido colaborador e poeta de formosissimo talento, traduziu a *Lei Seca*.

Será uma conversão?...

■ ■ ■

ALVARO de Andrade está batendo o record das boas traduções. Ha quem pense em inscrever no seu futuro monumento literario esta frase nos versos de Camões:

*E se mais traduções houvera  
mais traduziria.*

■ ■ ■

ROBLES Monteiro muda de peças como quem muda de camisa. O pior é que o cesto da roupa suja está muito cheio, e não ha quem o queira lavar, por falta de sabão...

■ ■ ■

—Já foste ao Olho da Providencia?

—Ai, filho! Não vou nisso...

■ ■ ■

LINO Ferreira está escrevendo uma revista que se intitula *Água-Pé*.

—Tens esperanças no trabalho?— perguntou-lhe um amigo.

—Oh! se tenho! Quanto mais pro-  
vo, mais gosto. E' melhor do que ca-  
chaca de preto...

■ ■ ■

O sr. dr. Vasco Borges foi preso, em virtude dos ultimos acontecimen-  
tos, mas pouco depois restituído á li-  
berdade.

Houve quem comentasse:

—Olha que captivo... o Carlos Bor-  
ges ia arranjando.

■ ■ ■

AMELIA Rey Colaço, no Carna-  
val, imitou *La Goya*.

Apesar do segredo, houve quem a  
reconhecesse...

■ ■ ■

O S. Luis transpirou no Carnaval  
*A revista e os seus fantamas*. A inter-  
pretação foi tão interessante que um  
espectador, destes que se encontram  
em terça-feira gorda, sentenciou á  
saída:

—O titulo não está bem. *A revista  
e os seus espectros* ficava melhor.  
Ajustava-se ao desempenho e não bu-  
lia com os fantamas, que já estão  
muito descarnados... Que o digam os  
empresarios.

As *Actualidades*, do Gimnasio, ti-  
nham quatro letras: X. P. T. O.

Como ontem deixámos o Carnaval,  
ainda se pode dizer:

K. H. I. O—pequeno,

■ ■ ■

NOVOS maestros despontam no fir-  
mamento musical: Leopoldo Frois,  
Erico Braga e Joaquim Almada, que  
regeram, nestas noites de folia, a or-  
questra do Trindade.

Ninguém adormeceu — em virtude  
da batuta ser silenciosa...

■ ■ ■

NO S. Carlos:

*Está aberta a sessão!*

Como nas Camaras, quando o pre-  
sidente entrava na ordem do dia,  
constatando que as bancadas estavam  
desertas:

*E' encerrada a sessão por falta de  
numero!*

■ ■ ■

CORRE nos bastidores que Chaby  
Pinheiro vai para o Maria Vitoria.  
Como é grande a desproporção entre  
o conteúdo e o continente, aquele

actor resolveu emagrecer para poder  
entrar no teatro da feira,—ainda as-  
sim pela porta mais larga...

■ ■ ■

SOBE brevemente á scena, no tea-  
tro Politeama, uma peça do dr. Al-  
fredo Cortés.

Intitula-se *Lourdes*. Esperamos que  
seja um milagre de exito e uma con-  
cessão de talento!

■ ■ ■

NO almoço em homenagem a Leo-  
poldo Froes, no momento em que este  
ia agradecer os brindes efusivo que  
tinham sido feitos,—Estevão Amaran-  
te largou, com oportunidade:

—Agora fala o senhor que se se-  
gue...

■ ■ ■

«EMPRESARIO—Precisa-se para  
abrir o Maria Vitoria.

Não se accitam intermediarios.  
Trata-se com o proprio, mesmo que  
ele esteja na China...

## Ena de Oliveira e Jorge Roldão



Sorrisos ao alcance de todas as bolsas e de  
todas... as palmas

ERICO Braga, cansado de desco-  
brir as maiores celebridades euro-  
peias, importou de Africa, por via  
Espanha, uma bailarina negrissima  
e competentissima em *charlestons* e  
outras diabruras coreograficas, de ul-  
timo estilo. Hopkins—assim se cha-  
ma a imitação de Josefina Baker—fes  
furor no Carnaval. Como a beleza  
não tem côr, apareceram-lhe muitos  
admiradores, tantos e tão activos em  
galanteios, que Hopkins, num acesso  
de vaidade, arriscou em bundo esta  
frase que Erigo Braga, poliglota dis-  
tinto, logo traduziu:

—Preta tambem ser gente. Não  
gostar de ser comida senão pelos an-  
tropofagos do seu país...

■ ■ ■

Malas de *tournée*. Atrapalhações de  
ultima hora. O sud apita. E' a hora.  
Meio minuto. Meio segundo e apare-  
ce, muito estafada, muito indignada,  
uma actris da companhia. E' içada  
para o comboio, rapidamente.

Já lá dentro, volta-se e com os olhos  
faiscantes de colera, diz para os cole-  
gas:

Já lá dentro, volta-se, e, com os  
olhos faiscantes de colera, diz para os  
colegas:

—Parece impossivel que por um  
pouco estivesse para perder o com-  
boio... Então ele não podia esperar  
por mim?

■ ■ ■

NO Nacional não houve divertimen-  
tos de Entrudo. Bastou o *Maluco  
das Avenidas Novas* para encher o  
teatro.

Eis o que se chama uma fascina-  
ção patologica!

■ ■ ■

MAITRE *Bolbec et son mari*—  
grande successo!

Em tempo, houve quem quizesse  
pedir o divorcio teatral da persona-  
gem... Por fim, tudo acabou em bem,  
como na peça... Que seja por muitos  
anos e bons!

■ ■ ■

ANUNCIA-SE para breve, no Ave-  
nida, o *Bem Ladrão*.

Declaramos desde já que o seu com-  
portamento é exemplar. Damos por  
testemunha—o publico, e por juiz—  
a critica. E' quanto basta para ser  
absolvido em 1.ª audiencia, na pre-  
mière.

O Homem das 5 horas

# Bom humor

A um *touriste* que regressa:

—Que tal a comida, lá no hotel?

—Assim... assim... Na primeira semana morreu um porco á dona do hotel. Comi porco toda a semana... Na outra morreu um vitelo... Quinze dias ininterruptos de guizado... Na terceira semana, um hospede caiu gravemente doente... Então, tive medo. Fiz as malas e parti...

\* \* \*

Num bar parisiense. Ele insiste, ela resiste.

—Mas porquê? Podia ser hoje...

—Adiemos...

—Porque não és gentil?

—Não posso...

—Decididamente.

Ela, explicativa:

—Impossível. O homem propõe e Deus indispõe...

\* \* \*

Os reis também jogam a bisca. O rei de Inglaterra encontrou-se um dia com o seu colega de Italia, numa estância termal. Pediram um baralho e jogaram indefinidamente. Vitor Manuel estava nesse dia bastante acubrunhado. Evocava os desastres dos monarcas da Russia, Alemanha, Bulgaria e Grecia. O rei Jorge V, com a sua bonhomia habitual, consolou-o, dizendo:

—Tens razão, primo! Nós vivemos dias muito tristes. Não tardará muito que sobre a terra haja apenas cinco reis: e de espadas, ouros, paus, copas... e de Inglaterra.

\* \* \*

Um doente vai pela primeira vez a um consultorio medico, onde se paga 20 escudos pela primeira consulta e 10 pela segunda.

—Doutor: aqui estou outra vez...

—Mas eu nunca vos vi.

—Estive cá a semana passada.

O medico, que percebeu o logro:

—Pois então siga as prescrições que lhe disse a semana passada.

E, passando o recibo:

—Des escudos!

\* \* \*

Uma criança entra num jardim, por uma linda e quente tarde de sol. Ha ainda orvalho nas flores.

—Mãe, faz mais calor do que julgava.

—Porquê?

—Não vês as flores? Coitadinhas!... Estão a transpirar...



—Ela:—Que dizes?

Ele:—Nada!

Ela:—Naturalmente! Mas como o dizes tu desta vez?

## A NOVELA DO "FIXE"

# Deixa falar que é mentira

Conhecem a Maria Cosinheira? Não a conhecem? Pois é a mesma coisa, porque eu vou apresentá-la tal como ela é.

A Maria Cosinheira é uma mulher já duma certa idade, daquelas de lavar e durar, ou para melhor dizer: já durazia e muito lavada, que, para cada pessoa, tem uma chalaça, chalaça medida pela bitola de quem fala com ela. Com a sua experiencia da vida, conhece os homens *pelo rodar da carruagem*, e entre uma sopa bem apaladada e um bife nervoso do po-jadoiro, que ela nos convence ser mais macio do que o lombo, vai contando uma historia pitoresca ou, algumas veses, picaresca, e, assim, o dono do tasco, em vez de nos dar jantares-concertos, dá-nos jantares com recital da Maria Cosinheira.

Entre muitas historias, contou-me a seguinte:

Um fidalgo tinha em casa um creado velhote, que já herdara do pai e que fazia parte, como se costuma dizer, do mobiliario da casa. Homem honesto, era a ele que confiava determinados serviços particulares de confiança, entre eles o das compras, assim como o de servir os chás em noites de recepção.

Quando sahia á rua, tinha sempre uma coisa que dizer ao patrão, uma coisa que o tivesse sensibilizado.

Uma vez que regressava de fora por ter ido comprar charutos, descreveu ao patrão certa desordem que vira, da seguinte fórma: «A mulher agarrou-se ao homem que o policia tinha agarrado e disse-lhe:—Tu és que és o pai do meu filho; fugiste-me e agora has de pagá-las todas...»

—Imagine, patrão, um pai a abandonar um filho!

—Mas, olha lá, tu sabes se a mulher falava verdade?

—Eu, não senhor...

—E viste o filho?

—Eu, não senhor...

—Então deixa falar, que é mentira.

Uma outra vez que foi ás compras não trouxe peixe.

—Olhe, patrão: peixe, hoje, não ha.

—Não ha?!...—diz o patrão.

—Disse-me a mulher que não se-nhor...

—E tu acreditaste?

—Pois se a mulher o disse...

—Então, deixa falar, que é mentira...

—Ora o patrão! O patrão sempre foi um 'ncredulo—disse o fiel servo; até é capaz de dizer que o sr. Antonio Maria da Silva não fugiu...

—Deixa falar que é mentira...

E o *deixa falar que é mentira* andava sempre na boca do patrão, só para arreliar o creado. Acontece que uma vez o creado adoeceu e, estando

ás portas da morte, o patrão abei-rrou-se dele e perguntou-lhe:

—Então como vai isso, melhor?

—Pior—disse-lhe o velho com uma voz fraquissima e quasi apagada.—Muito pior... Sinto-me morrer, meu patrão. Já vejo a morte diante do mim.

—Homem, deixa falar que é mentira—disse o patrão.

E o caso é que o velho melhorou e, com o tempo, ficou são como um péro.

O velho nunca se esqueceu que, realmente, o que dissera da morte tinha sido mentira e começou a dizer coms'go:

—Agora é que eu acredito que o patrão, quando diz que é, é porque é... e quando diz que não é, é porque é mentira.

Dá-se o caso que, numa noite em que se realizava uma reunião, o creado, que teve um trabalho enorme a preparar a recepção dos convidados, ao servir o chá, por estar entrado em anos, sentiu-se fatigado e disse de si para si: *Deixa falar que é mentira...* e o caso é que, sentindo alívio de repente, pegou numa grande bandeja com bolos, *sandwiches* e copos e dirigiu-se á sala, ajoujado com o peso da bandeja. Passou perto do patrão e, ao transpôr a porta da sala, ouviu-se distintamente um pequeno ruído, como se fosse madeira que estalasse ou, melhor, como um tiro de pistola que estivesse embrulhado em algodão.

O patrão, que se encontrava encostado no limiar da entrada, chamou-o a capitulo e disse-lhe:

—Jerónimo, olhe que isso não se faz; estão ahí visitas e é uma vergonha.

—O quê, patrão?...

—Então, tu julgas que eu não ouvi?

—O quê, patrão?...

—Hom'essa!... Se até me cheira...

—Ao quê, patrão?...

E, ao ouvido, o patrão disse-lhe o nome proprio por que é conhecido esse flutuoso ruído...

—O' patrão, não diga isso, que não é verdade.

—Não é verdade?!

—O patrão viu?

—Ver, não vi... ouvi...

—Então, se não viu, deixe falar que é mentira...

No entretanto, passava perto, pressurosa e alegre, a esposa mulata de um funcionario das colonias, que perfumava o ambiente empestado com umas fortes emanações de uma essencia de Houbigan...

Era ainda, uma vez mais, a mentira a ofuscar a verdade.

José Barbosa.

## FADO DO ENTRUDO

### Mote

*Foi-se o Chéché folgusão  
que tinha a graça ruim;  
no chapéu de papelão,  
d'escrever: Mer... p'ra mim.*

### Glosas

*Belos tempos do tremçoço,  
da bisnaga d'agua choca  
da cégada co'o pinoca,  
borrachas com pipo d'osso,  
das cocotes o destroço,  
das pinturas a zarção  
nas ventas do folião,  
dos papelinhos doirados...  
Desses tempos já passados  
foi-se o Chéché folião.*

*Foi-se a velha alcoviteira,  
foi-se o som das castanholas  
que umas falsas espanholas  
nos moía a moleira.  
Quasi não se ouve a guizeira  
e a cega-rega sem fim,  
não ha masc'ras de setim.  
Foi-se o galego da bomba  
onde se via, p'la tromba,  
que tinha a graça ruim.*

*Já não se vê nas tipoias,  
com mascarilhas tapadas,  
nas boleias recostadas,  
sensaborissimas croias.  
Até nem se veem joias  
pelos bailes dum salão,  
tudo é béra e imitação...  
Dos cotillons a alegria  
tornou-se em sensaboria  
no chapéu de papelão.*

*Hoje quem p'los bailes ande,  
p'ra passar um bom bocado,  
vê que tudo está mudado  
e esta vida é um jazz-band.  
A alegria que se expande,  
dir-se-ha, chegou ao fim,  
sem valor dum alfenim.  
E em tão vil humanidade,  
francamente, dá vontade  
d'escrever: Mer... p'ra mim.*

Reporter B.

## A vidente



—O senhor viverá até aos 69 anos.

—Já tenho 65!

### !! Não queira ficar assim !!

#### USE a VITELINA-VITERI

7 CNIC AMARELO

Orne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



# Brincando

Um jornal da America do Norte, órgão da colônia negra, disse e espalhou com muito orgulho, que Gago Coutinho e Sacadura, os heróis do ar, tambem eram pretos.

Todos ficaram pasmados  
Com afirmação tão forte,  
Ficando mesmo assombrados,  
Aqueles negros do Norte.  
Não sabiam de aviador  
Que tivesse a sua cor!

E logo de tanta glória,  
De tanto arrôjo e tesura,  
De tão grandiosa vitória  
E de tamanha aventura!...  
Negros os azes do ar!...  
E' de facto p'ra assombrar.

Mas vendo bem a questão  
Olhando o caso de perto,  
D'espanto não há razão,  
Pois não há nada mais certo.  
O jornal que o publicou  
N'a'lgum facto se fundou.

Talvez troca de sentido  
Na noticia publicada,  
Assunto mal traduzido,  
Alguma frase truncada,  
E veja o leitor amigo  
Se não concorda comigo.

O que o jornal quiz dizer  
E o que disse afinal,  
Fácil é de compreender:  
E' que do Gago e C'bral  
Era n pretas o de lei  
Umás coisas que eu cá sei.

JUCA ALEGRIA

# Charleston

A dança mais bela e chic  
Só no BRISTOL é dançada

Quem p'la melodia terna  
d'um sonoro jazz-band  
ancioso por aí ande,  
como manda a lei moderna  
deve ter agil a perna,  
ter na linha um certo tique  
para que gravado fique  
quando a dança o apaixonou  
que, hoje em dia, é o CHARLESTON  
a dança mais BELA e CHIC.

E', pois, o CHARLESTON que incensa  
toda a nova geração  
que embriaga em turbilhão  
Lisboa — cidade imensa  
sob a profusão intensa  
de luz de cor variada,  
a mocidade enervada  
dá no CHARLESTON uma prova...  
—Assim esta dança nova  
Só no BRISTOL é dançada.



—Meu marido, que é paralitico,  
tambem levou um tiro!  
—E depois o que lhe aconteceu?  
—Oral Entrou-lhe por um ouvido  
saiu-lhe pela outro.

# A revolução pelo telefone O fantasma

## A "fixeza" das telefonistas

O *Sempre fixe*, no mais alto dever de admiração o de reconhecimento, vem prestar ás *meninas do telefone*, que desde a inauguração daqueles aparelhos em Portugal até ao fim da revolução tanto tem contribuido para o enervamento, neurastenia e surdez nacional, as mais sinceras e profundas homenagens ás suas magnificas qualidades de trabalho, disciplina, coragem, heroismo e *fixeza*.

O seu interesse em bem servir o publico foi tão marcante que nós fez esquecer o perdão o tempo que, quasi sempre, aguardamos, de auscultador em punho a sua voz aflautada e mal humorada, perguntando «Quo numero deseja?», as demoras nas ligações, constantes interrupções e infalíveis equivoocações.

Porquo não confessar? Em tempo de convencionalidade tranquillidade, cada vez que se tira o auscultador da suspensão, aguarda-se sempre 3 minutos pela colia voz da telefonista, repete-se o numero 3 vezes, está 3 vezes a falar e só á terceira vez é que, por milagre dos Deuses, se consegue o aparelho que pretendemos desimpedido.

Oh! Mas durante o periodo dos «puns», Santo Deus, nada de demoras, nada de enganar, nada de cortar as ligações. Que trabalhinho!... Creiam que é a unica coisa que nos faz ter pena que a revolução tives-o acabado.

Que grande e extraordinario serviço que as meninas fizeram!...

Mal tocavamos com o dedo maminho no aparelho, já a sua voz brejeira e sonora, cheia de interesse, estava perguntando o numero desejado.

—Norte 2731.  
Imediatamente, a menina nos dizia delicada e carinhosa:

—A zona norte não fala. Os revolucionarios cortaram as linhas, mas talvez Vossa Excelencia conheça alguém na zona Trindade; ahí poder-lhe-hão dar quaisquer novas.

—Então, faz-me o obsequio...

—Obsequio, não. Nós estamos aqui para bem servir os subscritores.

—Oh! minha menina, «proparoxitonamente» gentil (como diria o popular actor Carlos Leal): mil vezes obrigado. Dá-me, então, Trindade 327.

—Trindade 327, repetia.

—Exactissimamente o 327. E ainda não tinhamas tido tempo de repetir o ultimo acto, já a voz da pessoa com quem deejavamos falar articulava decemente:

—Quem fala?

—Daqu' é o João. 'Tás boa?

—Bem, obrigada. Mas cheia de pavor. Não pões na tua ideia, filho, o que é aqui o tiroteio. E que malandragem, não calculas!... Só vendo se acredita. Escuta lá: que sabes de novo?

—Os homens do Porto renderam-se.

—Palavra?

—E' o que te digo.

—Sabes se foram presos os cobecilhas ou se fugiram.

—Uns foram presos, outros escaparam-se, como o Cortezão e o Zé Domingues.

—O quê? Conseguiu fugir o Zé Domingues?! (ironica) Elo levaria ainda o cravo na lapela?

—Não, deixou-se desflorar. Assim fugia com mais facilidade.

—E' incrível! O que me dizes não é confidencial, não?

—Não.

—Vou comunicar a uma minha prima, que está mortinha por saber novidades. Adeus.

—Adeus, amor. Não metas a cabeça do fora da janela. Adeus com o tiro.

Como o exagero é uma essencia do espirito feminino, dentro de alguns segundos estabelecia-se com a prima o seguinte dialogo:

—Está lá, está?... E's tu, Joana?

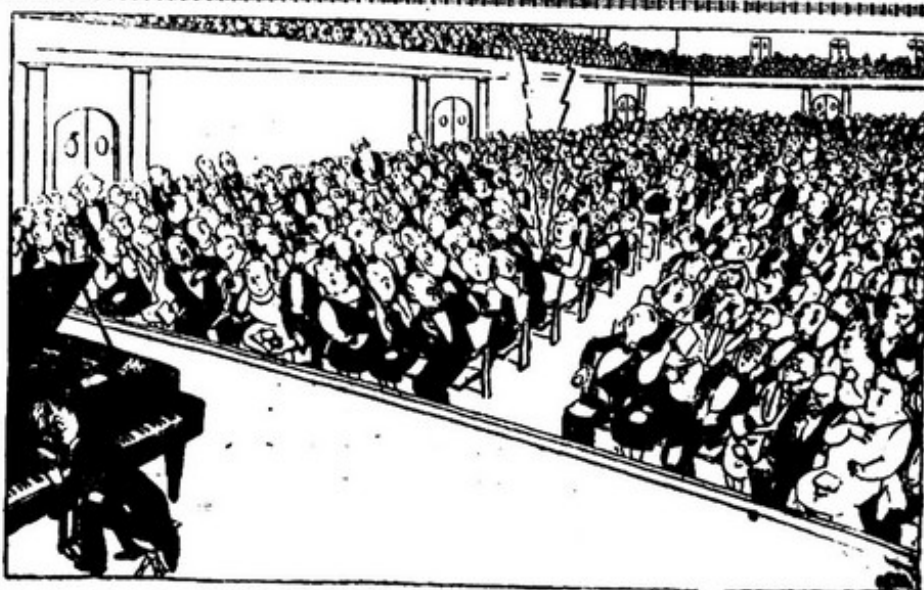
—Sou, sim, que ha?

—Os do governo venceram no Porto.

—Já sabia. Citado do Zé Domingues, quem havia de dizer... Lá se lhe foi o cravo (aflita). Aqui, vai um tiroteio infernal, constando-me, ha pouco, que uma granada acertara mesmo em cheio nas costas do fino poeta Bruges de Oliveira, quando, na Praça da Alegria, fazia versos a um lirio que se espelhava nas aguas calmas do lago. Mais me disseram que tinham cortado a pera ao Bernardino, pon-do-lhe o bigode á Charlotte!... Que o rato Sevilha, escondido no quiosque, se agarrou com toda a alma a uma metralhadora e matara todos os passarinhos da Praça de Camões!...

E assim foi crescendo a fantasia o pintando cada um a seu bel-prazer as mentiras que, como bolas de sabão, tomaram volume, elevaram-se, fazendo caminho até o vento da verdade a dissipar.

## O numero impedido.



Ruido Inoportuno

O fantasma tinha sido em vida um ser do sexo masculino, mas caprichava em revelar-se em trajes de mulher. Invertera tudo, feminisara tudo. Quando a meza de pé de galo lhe perguntava:—Como te chamas?—o fantasma respondia:—Bota. Aquilo era uma mania. Já em vida o fantasma, que era poeta lubrico, tinha dado indícios das suas predilecções femininas, fotografando-se decotado como as senhoras, para as exposições dos seus livros.

Agora revela-se, quasi diáfano, como um espectro que se presa, e anda por essas ruas, imponderavel e etéreo, cercado duma sua filha a que chama os seus homens.

Quando calha vai a casa do Homem e já tem estado em riscos de ir parar á casa do doidos, ou ao governo civil, porque a população que não sabe que ele é um fantasma, quando lê os seus poemas, acaba sempre por dizer:

—Coitadinho. Não diz coisa com coisa.

Os seus homens defendem-no e há filhos que lhe entregam os pais, decaradamente.

Ninguém acredita que ele seja um homem. Os criados dão-lhe conselhos, dizem-lhe que não se apresente como mulher, mas ele que está convencido de que é Bota, anda a pedir a toda a gente para o atacar. Como Bota que se julga, o seu maior prazer é sentir-se roçar por uma calça ou por uma polaina. Com umas esporas delira e delira que o engraxem todo com pomada amor.

A's vezes cercam-no todos os homens que tem enganado, a quem se tem feito passar por mulher e todos o invectivam ásperamente e ele desfalece. Nessa altura surge sempre outro espectro, o fantasma daquilo que o trouxe á luz do mundo e é como um pai que o ampara e faz afugentar os espiritos maus que o perseguem—o Sevilha.

E ele treme e chora como uma criança.

—Eles foram-se embora, pai? Eles já não me fazem mal, pai? Eu tratava-te mal, pai?

E o pai diz-lhe que não e cobre-o com o seu braço e com o seu corpo. Quando socega, o fantasma evolva-se, e ele passa-se para casa dum infante...

## BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 ás 22 h.



A' saída do teatro:  
—Não achas que os actores falavam muito baixo?  
—Delicadeza elementar! Não queriam acordar os espectadores.



## AS GRANDES PROVAS

# Um "match" inesperado de foot-ball

## As eliminatórias da Figueira, Faro, Porto e Lisboa

A ultima quinzena foi de tal forma dedicada ao desporto puramente amador, que o Governo entendeu por bem não permitir a realização dos habituais encontros de *foot-ball*, *hockey*, *rugby* e de tantas outras modalidades desportivas que pudessem prejudicar as grandes provas oficiais.

O certo é que estas ganharam em grandeza e latitude—e de tal forma que as duas ultimas semanas marcam pela efectivação dum torneio absolutamente olimpico e dum exito tudo o que ha de mais ruidoso.

E foi tal o barulho que até a imprensa estrangeira entendeu merecer-lhe o torneio largas apreciações.

De facto, em desportos atleticos realizaram-se notaveis *performances*, no lançamento de granada, em corridas de velocidade, estafetas e saltos de trincheira.

Os *matches* de *rugby* realizados no Rato obtiveram um successo unico com os *drop-goals* marcados no Palacio Palmela, e *melées* encarniçadas.

Mas o maior exito do torneio foi indiscutivelmente o campeonato nacional de *foot-bala*, em que a *equipe* azul se classificou para o *match* final após três eliminatórias realizadas na Figueira, em Faro e no Porto.

A final, disputada em Lisboa, contra o terrivel e afamado *Red Star*, foi ainda ganha pelos azuis.

Os nossos deveres de imparcialidade levam-nos a afirmar que a *equipe* vencedora abusou um tanto do jogo duro, tendo beneficiado de dois formidaveis *penalties* que entraram imparavelmente no pontão do Arsenal de Marinha.

Com estas quatro successivas victorias, o *team* vencedor ficou na posse definitiva do titulo nacional, projectando-se uma festa de homenagem ao *captain* Passos e Sousa, que nos *matches* do Porto e de Lisboa deu mostras duma rapidez e duma colocação que lhe garantem um lugar de internacional.

De facto, a sua *equipe*—meteu uma lança em Africa...

\* \* \*

O grande torneio olimpico não permitiu a realização do II Portugal-França em *foot-ball*.

Os franceses embirraram com a escolha do dia 13 e estão decididos a não jogar connosco, a menos que os seus *players* beneficiem dum seguro de vida, com a garantia do pagamento de pensões do sangue ás respectivas familias.

\* \* \*

Ha dias, compareceu perante o juiz Mischlich, do Estado de New-Jersey, um automobilista que a policia prendera quando guiava o seu carro com uma unica mão.

O magistrado interrogou-o: —Que fazia o senhor com a outra mão?

O guarda captor atalhou: —Excelencia, o braço direito tinha-o eu passado á cintura duma

senhora que ia sentada ao meu lado.

O juiz sentenciou, gravemente: —O acusado pagará uma multa de 10 *dollars* por ter cometido uma imprudencia de que o publico podia ser vitima. Não lhe nego o direito de *flirtar*, mas não ao volante dum carro. Cada coisa a seu tempo e, muito em especial—*em local proprio*...

Dez *dollars*—duzentos mil réis! Se a rapariga era bonita, o preço não chegou a ser pela tarifa 1.

\* \* \*

Dialogo entre dois nadadores modestos:

—Eu sou um nadador extraordinario. Ninguém pode igualar-me. Salto para a agua com uma agulha na mão squerda e o fio na outra. Quando volto á superficie, trago a agulha enfiada.

—Faço melhor do que isso. Quando me atiro ao Tejo com uma nota

de cinco escudos, volto á superficie com o troco feito em cobre.

\* \* \*

Corre nos *mentideros* desportivos que está para breve a saída dum segundo numero das *Selas Desportivas*. Será seu director, unico proprietario e unico autor: Candido de Oliveira.

Segundo nos informam, nesse segundo e ultimo numero, Candido de Oliveira demonstrará, com provas irrecusaveis, reproduções fotograficas e zincogravuras concludentes, que o primeiro numero do seusacional panfleto foi integralmente escrito e manufacturado por Julio de Araujo e Ryder da Costa, que assim pretendiam liquidá-lo.

\* \* \*

Ha quem ande tratando entre nós da introdução dum novo desporto. Chamam-lhe os jornais: *pelota vasca*—e não sabemos o que seja.

Existe de facto, um desporto regional vasconço que se joga com uma bola. Serão, a bola vasconça e a *pelota vasca*, uma e a mesma coisa? A primeira vista não parece.

Porque, se *vasca* não é adjectivo português—a *pelota* é, simplesmente: obscena.

\* \* \*

Um agente da fiscalizacao do transito manda parar um automovel por levar as lanternas apagadas.

Reprende duramente o *chauffeur*. Este pretende explicar-se. Mas o policia interrompe logo:

—Lembre-se que, quando fala com um agente, o senhor deve estar calado!

\* \* \*

O grande torneio olimpico da quinzena passada não permitiu tambem a efectivação da assembleia geral do *Sporting*, em que deviam encontrar-se as forças governamentais e as dos esquerdistas.

Ficou adiada *sine die*, constando-nos que a comissão administrativa já conseguiu a filiação do capitão Jaime Baptista.

## CAUTELA, CAMPEÕES...



...que o Vitoria já mandou 3 ao ar

Rebola-A-Bola.

## A ultima mascara



Magnifique, o "celebre", faz a mala e embarca para Tanager, pensando que "les portugais sont toujours gals"... mas não são "trouxas!"

## Do mal o menos



— Vá lá, vá lá, que ainda estou com muita sorte... Se em vez de pardais, fôssem vacas, havia de ficar em bonito estado! Tinha essencia para todo a ano.

## A'S PORTAS DO CEU



Quando o «Unhas de Fome» morreu S. Pedro submeteu-o a um interrogatorio:

- Em que te empregavas lá na terra?
- Era usurario.
- Mau! Isso merece o Purgatorio.

- O que tens a alegar em tua defesa?
- Uma vez dei dez centavos a um velho e outra cinco a uma criança.
- Isso merece o Céu, mas como houve a usura vou consultar Nosso Senhor.

Passado algum tempo volta S. Pedro.

- Que disse Nosso Senhor? — pergunta ansioso o «Unhas de Fome».
- Que te devolva o dinheiro e te mande para o Purgatorio.